

CARTAS DE AMOR E DE GUERRA

Mikhail Chichkin

Tradução ~ António Pescada

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Cartas de amor e de guerra
Mikhail Chichkin

Título original: Письмовник
1.ª edição: Março de 2017
© Mikhail Shishkin, 2010
© Ítaca, 2017

Tradução: António Pescada
Revisão: Madalena Fragoso
Design: Susana Cruz
Capa e paginação: Ítaca
Imagem da capa: Creative Commons
Impressão: Europress

ÍTACA
CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 - 2.º D.º
1100-158 LISBOA
EDITORIAL@ITACA.PT
WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99807-0-9
DEPÓSITO LEGAL 422379/17

Abro o *Jornal da Tarde* de ontem, em que falam de nós, de mim e de ti.

Dizem que no princípio será outra vez o verbo. Mas, por enquanto, nas escolas continuam a repetir, como dantes, que no princípio houve a grande explosão e que tudo o que existe se dispersou.

E que, pretensamente, já tudo existia antes da explosão – todas as palavras ainda por dizer e todas as galáxias que se vêem e as que não se vêem. Assim, na areia existe já o futuro vidro, e o grão de areia é a semente daquela janela para lá da qual passou precisamente agora um rapazinho com uma bola enfiada por baixo da camisa.

Era como um coágulo de calor e de luz.

E esse espaço sem janelas nem portas e cheio de pessoas, dizem os cientistas, era do tamanho de uma bola de futebol. Ou de uma melancia. E nós éramos pequenas sementes dentro dela. E eis que tudo lá dentro amadureceu e, inchando, cedeu.

A melancia primeva rebentou.

As sementes espalharam-se e germinaram.

Uma pequena semente lançou um rebento e tornou-se a nossa árvore, ali está a sombra dos seus ramos a arrastar-se no peitoril da janela.

Outra semente tornou-se a recordação de uma menina que queria ser rapaz e que em pequena se mascarou de Gato das Botas, à sua volta todos procuravam puxar-lhe a cauda e

por fim arrancaram-lha. De modo que teve de andar com a cauda na mão.

Uma terceira semente brotou muitos anos antes e tornou-se um jovem que gostava que eu lhe coçasse as costas e que detestava a mentira, em especial quando começavam a afirmar de todas as tribunas que a morte não existe, que as palavras escritas são como um carro eléctrico desviado para a imortalidade.

Segundo o horóscopo dos druidas, ele era uma cenoura.

Antes de queimar o diário e todos os seus manuscritos, o jovem escreveu uma última frase terrivelmente engraçada: «O dom abandonou-me» – e eu consegui ler até que tu arrancaste o caderno das minhas mãos.

Estávamos de pé junto à fogueira e levantávamos as mãos do calor, levando-as ao rosto e olhando os ossos dos dedos que transpareciam através da carne vermelha transparente. Do alto caíam flocos de cinza – as mornas páginas queimadas.

Sim, quase me esquecia, e depois tudo o que existe volta a juntar-se num ponto.

Vovka*, cenourinha, onde estás tu agora?

E o que vem a ser isto? A Julie-tonta esforça-se, envia-lhe cartas, e o cruel Saint-Preux limita-se a breves mensagens irónicas, por vezes em verso, rimando boneco com suco, munição com sublimação, olho de anaconda com sorriso da Gioconda (a propósito, tu percebes de que é que ela sorri? – Eu acho que percebi), umbigo com amigo.

Meu amor!

Porque é que fizeste isto?

*

* Vovka, Vova, Volódenka são diminutivos de Vladímir. (N. T.)

Só me faltava escolher uma guerra. Mas, naturalmente, isso não era grande problema, pois esse produto não falta à nossa pátria invencível, e, antes que consigas abrir devidamente o jornal, já os reinos amigos estão a trespassar crianças com as baionetas e a violar velhinhas. Por qualquer razão, sentimos uma pena especial do czarevitch inocente assassinado de fatinho à marinheiro. As mulheres, os velhos e as crianças entram por um ouvido e saem pelo outro (como de costume) mas aquele fato à marinheiro...

Um solo de tambor de uma qualquer nulidade, um pálio a flutuar na torre sineira, a mãe-pátria chama-te!

No centro de recrutamento conclamavam: cada um precisa de ter a sua Austerlitz!

Realmente precisa.

Na junta médica, o doutor militar – uma cabeça enorme, calva e cheia de protuberâncias – olhou-me com atenção nos olhos e disse:

– Tu desprezas toda a gente. Sabes, eu também era assim. Tinha a tua idade quando fiz a minha primeira prática como interno no hospital. Mas uma vez trouxeram-nos um sem-abrigo atropelado por um carro. Ainda estava vivo, mas muito estropiado. Por isso não nos esforçámos especialmente. Era evidente que ninguém queria saber do velho para nada e ninguém viria procurá-lo. Fedor, imundície, piolhos, pus. De qualquer modo, pusemo-lo a um lado, onde não sujasse nada. Estava acabado. Coube-me a mim retirá-lo, lavar o corpo e enviá-lo para a morgue. Todos se foram embora e deixaram-me sozinho. Saí para fumar um cigarro e pensei: para que preciso eu de tudo isto? Quem é este velho para mim? Para que serve ele? Enquanto eu fumava, ele finou-se. Fui limpar o sangue e o pus descuidadamente, para o enviar o mais depressa possível para o frigorífico. E de repente pensei que talvez ele fosse pai de alguém. Fui buscar uma bacia de água quente e pus-me a lavá-lo. Um corpo velho, abandonado, lastimável. Havia anos que ninguém o acariciava. E ali

estou eu a lavar-lhe os pés, os dedos horrivelmente deformados, quase não tinha unhas – todas roídas pelos fungos. Com uma esponja limpei-lhe as feridas, as cicatrizes – e ia falando baixinho com ele: então, pai, a vida foi dura contigo? É difícil quando ninguém nos ama. E como é isso, na tua idade, viver assim na rua como um cão sem dono? Mas acabou-se tudo. Descansa! Agora está tudo bem. Não te dói nada, ninguém te persegue. E assim o lavava e lhe falava. Não sei se isso o ajudou na morte, mas a mim ajudou-me muito a viver.
Minha Sáchenka!*

Volódenka!

Estou a olhar o pôr-do-sol. E penso: talvez tu, neste preciso momento, estejas também a olhar este pôr-do-sol. E isso quer dizer que estamos juntos.

Que silêncio em redor.

E que céu!

Ali está um sabugueiro, e também ele tem uma percepção do mundo.

Em momentos assim parece que as árvores compreendem tudo – só não o podem dizer – exactamente como nós.

E de repente sinto intensamente que, na realidade, os pensamentos e as palavras são feitos da mesma essência que este fulgor, ou este brilho, mas reflectido naquela poça de água, ou a minha mão com o dedo entrapado. Desejava tanto que visses tudo isto agora!

Imagina, peguei na faca do pão e arranjei maneira de cortar o dedo mesmo junto à unha. Entrapei-o de qualquer maneira e depois desenhei na ligadura dois olhos e um nariz. Resultou num Pequeno Polegar. E conversei toda a tarde com ele a teu respeito.

* Sacha, Sachka, Sáchenka são diminutivos de Aleksandra. (N. T.)

Reli o teu primeiro postal. Sim! Sim! Sim! É mesmo assim! Tudo rima! Olha à tua volta! Tudo isto são rimas. Aí está o mundo visível, e, se fechamos os olhos, fica o mundo invisível. Ali estão os ponteiros do relógio e a rima deles – o búzio que se tornou cinzeiro. Ali está um pinheiro a cerzir o céu com um ramo – e ali na prateleira um ramo de ervas da farmácia, útil porque afasta as ventosidades. Este meu dedo entrapado vai agora por certo ficar para sempre com uma cicatriz, e a rima para ele é este mesmo dedo, mas ainda antes do meu nascimento e depois, quando eu já não existir, o que é por certo a mesma coisa. Tudo no mundo rima com tudo no mundo. Estas rimas ligam o mundo, juntam-no, como alfinetes cravados no chapéu para que ele não se desmanche.

E o mais espantoso é que essas rimas sempre existiram – desde o início –, não se podem inventar, tal como é impossível inventar o mais simples mosquito ou aquela nuvem de longo voo. Tu compreendes, não há imaginação que bastasse para inventar as coisas mais simples.

Quem foi que escreveu acerca das pessoas ávidas de felicidade? Que bela maneira de dizer! Pois assim sou eu – ávida de felicidade.

Comecei também a notar que repito os teus gestos. Falo com as tuas palavras. Olho com os teus olhos. Penso como tu. Escrevo como tu.

Lembro-me constantemente do nosso Verão.

Dos nossos estudos a óleo matinais sobre as torradas quentes.

Lembras-te da nossa mesa debaixo dos lilases, coberta por um oleado com um triângulo castanho – marca de um ferro de engomar?

Mas disto não te podes lembrar, isto é só meu: uma manhã tu caminhavas pela relva e, ao sol, parecia que deixavas um rasto de esquis brilhante.

E os cheiros do jardim! Tão densos, tão fortes, como partículas que saturassem o ar. Era deitá-los numa chávena em vez do chá.

E tudo à nossa volta só tem uma coisa em mente – caminha simplesmente pelo campo ou pela floresta, e tudo procura polinizar, inseminar. Tenho as meias cobertas de sementes das ervas. E lembras-te, achámos uma lebre no campo com as patas cortadas por uma máquina ceifeira?

As vacas de olhos castanhos.

Caganitas de cabra numa vereda.

O nosso açude com limos no fundo, lodo em flor, coberto de ovos de rã. As carpas a marrar contra o céu. Saímos da água e sacudimos as algas.

Deitei-me para apanhar um banho de sol, tapei a cara com a camisola, o vento farfalha como a roupa engomada. E de repente sinto no umbigo qualquer coisa que faz cócegas – abro os olhos, e és tu que me estás a deitar com a mão uma fina torrente de areia na barriga.

Vamos para casa e o vento põe-nos à prova, a nós e às árvores, a experimentar que espécie de velas somos nós.

Apanhamos as maçãs caídas – as primeiras, ácidas, para compota – e atiramos um ao outro esses frutos caídos.

Ao pôr-do-sol a floresta é denteada.

E a meio da noite somos acordados pelo salto de uma ratoeira.

Sáchenka, minha querida!

Vou passar a numerar as minhas cartas, para saber qual delas se perdeu.

Desculpa os bilhetes serem breves – não tenho tempo nenhum para mim. E ando com uma horrível falta de dormir, apetece-me fechar os olhos e adormecer mesmo de pé. Descartes morreu devido à necessidade de se levantar antes do amanhecer, às cinco horas da manhã, para ir ler à rainha Cristina da Suécia lições de filosofia. Mas eu ainda me aguento.

Hoje estive no estado-maior e vi o meu reflexo num espelho, de uniforme completo. Achei estranho, que mascarada

é esta? Fiquei espantado comigo mesmo: como posso eu ser um soldado?

Mas, sabes, em todo o caso há alguma coisa nisto – viver alinhado pela maçã-de-adão do quarto homem da fila.

Vou contar-te uma história sobre um barrete militar. É uma história curta. Roubaram-mo. O barrete, quero eu dizer. Mas ir para a formatura sem bivaque é uma infracção do regulamento, em suma, um delito.

O nosso chefe dos chefes e comandante dos comandantes bateu os pés e prometeu-me que eu iria lavar a latrina até ao fim dos séculos.

– Vais lambê-la, seu canalha!

Disse assim mesmo.

Pois bem, há qualquer coisa de inspirador na linguagem militar. Li em qualquer parte que Stendhal aprendeu a escrever com simplicidade e clareza ao estudar as ordens de batalha de Napoleão.

Mas as latrinas daqui, minha distante Sachka, é preciso explicar como elas são. Imagina buracos num chão imundo. Não, é melhor que não imagines! E cada qual procura fazer a poia não no buraco, mas à beira dele. E está tudo alagado. Mas o funcionamento das barrigas deste teu dedicado e de outros como ele é um tema à parte. Neste lugar remoto, por qualquer razão, dói-nos sempre a barriga. Não compreendo como pode um homem consagrar-se à ciência da vitória quando está sempre acorado à beira de um abismo e a verter do seu interior.

Em todo o caso, eu disse-lhe:

– Mas onde é que eu posso ir buscar um bivaque?

E ele:

– Fanaram-to, vai também fanar um!

E lá fui eu roubar um bivaque. Mas não é fácil. Na verdade é muito difícil, porque todos tentam roubar.

E lá andava eu de um lado para o outro.

De repente pensei: quem sou eu? Onde estou?

E fui lavar a latrina. E num instante todo o mundo pareceu cheio só de facilidades.

Precisava de vir até aqui para compreender coisas simples. Sabes, não há nenhuma imundície na merda.

Estou a escrever-te à noite. Acabei de roer uma côdea na cama, e agora as migalhas não me deixam adormecer, espalharam-se pelo lençol e picam-me.

A janela por cima da minha cabeça está cheia de estrelas e mais estrelas.

A Via Láctea divide o céu obliquamente. Sabes, parece uma fracção gigantesca. No numerador está metade do Universo, e no denominador a outra metade. Sempre detestei essas fracções, os números ao quadrado, ao cubo, e essas raízes. Tudo isso é tão incorpóreo, irrepresentável, não tem absolutamente nada que se possa agarrar. Uma raiz é uma raiz – uma árvore. É sólida, penetra no chão, agarra, devora o solo, é tenaz, sugadora, irreprimível, voraz, viva. Mas isto é um disparate qualquer, uma garatuja, e chamam-lhe também uma raiz.

E como entender os menos? Menos uma janela – o que é? Ela não vai a lado nenhum. Nem o que está para lá da janela.

Ou menos eu?

Essas coisas não acontecem.

Eu, em geral, sou uma pessoa que precisa de mexer em tudo.

E de cheirar.

Principalmente cheirar. Como no livro que o papá me lia antes de adormecer. Há pessoas muito diferentes.

Há pessoas que andam sempre a combater os grou. Há pessoas só com uma perna, sobre a qual se deslocam precipitadamente, têm um pé tão grande que se cobrem com ele contra o calor do sol, e descansam como se estivessem dentro de casa. E há ainda outras pessoas que vivem só do

cheiro dos frutos. Quando precisam de fazer uma viagem longa, levam consigo esses frutos, mas, se sentem algum mau cheiro, morrem. Assim sou eu.

Sabes, tudo o que é vivo precisa de cheiro para existir. Um cheiro qualquer. Mas essas fracções e, de um modo geral, tudo aquilo que nos ensinaram não tem cheiro.

Lá fora da janela vagueia agora um qualquer noctívago, a dar pontapés numa garrafa vazia. O som estrepitoso do vidro no asfalto na rua deserta.

Agora partiu-se.

Em momentos assim, à noite, sinto-me tão sozinha e desejo tanto ser motivo para alguma coisa!

E tenho uma vontade insuportável de estar contigo. Abraçar-te, acariciar-te.

Sabes qual será o resultado se dividirmos aquele numerador de estrelas lá fora da janela pelo denominador? Uma metade do universo pela outra metade? O resultado serei eu. E tu comigo.

Hoje vi uma menina cair da bicicleta – esfolou um joelho, ficou sentada a chorar amargamente, com a sua peúga branca toda ensanguentada. Foi à beira do rio, onde estão os leões com as bocas cheias de lixo, de invólucros, de pauzinhos de gelados. Depois vim para casa e não sei porquê pensei que todos os grandes livros e os grandes quadros não são sobre o amor. Apenas fingem ser sobre o amor, para que seja interessante lê-los. Mas na realidade são sobre a morte. O amor nos livros é uma espécie de escudo, ou antes uma venda nos olhos. Para que não se veja. Para que não seja tão assustador.

Não sei qual seria a ligação com aquela menina que caiu da bicicleta.

Ela chorou, e se calhar já se esqueceu há muito tempo, mas num livro o seu joelho esfolado ficaria até à morte e mesmo depois.

Provavelmente nem todos os livros são sobre a morte, são sobre a eternidade; mas a eternidade neles não é genuína, é

apenas um fingimento, um instante – como uma pequena mosca no âmbar. Pousou por um momento para coçar as patinhas traseiras e acabou por ser para sempre. Sem dúvida eles escolhem vários bons instantes, mas não é horrível ficar assim, eterno, em porcelana, como o pastor a esticar-se eternamente para beijar a pastora?

Mas eu não quero a porcelana para nada. Quero tudo vivo, aqui e agora. A ti, o teu corpo, a tua voz, o teu corpo, o teu cheiro.

Tu agora estás tão longe que não me assusta nada dizer-te uma coisa. Sabes, daquela vez, na datcha, eu fui ao teu quarto enquanto tu não estavas. E cheirei tudo. O teu sabonete. A tua água-de-colónia. O pincel da barba. Cheirei o interior dos sapatos. Abri o teu armário. Cheirei o pulôver. A manga de uma camisa. O colarinho. Beije um botão. Inclinei-me por cima da tua cama, encostei o nariz à almofada. Sentia-me tão feliz! Mas isso não me chegava! Para a felicidade são precisas testemunhas. Só nos podemos sentir verdadeiramente felizes quando obtemos alguma confirmação, se não por um olhar ou um toque, se não por uma presença, ao menos por uma ausência. De uma almofada, uma manga, um botão. Certa vez tu quase me surpreendeste – mal tive tempo de fugir para o alpendre. Viste-me e começaste a atirar-me bardana para os cabelos. Zanguei-me contigo, mas o que não daria eu agora por isso – que me atirasses bardana para os cabelos!

Lembro-me de ti, e o mundo divide-se em antes e depois da primeira vez.

Os nossos encontros ao pé do monumento.

Descasquei uma laranja e coleí a palma da minha mão à tua.

Tu acabavas de sair da policlínica com chumbo novo num dente – o cheiro do consultório do dentista na tua boca. Deixaste-me tocar com um dedo no chumbo.

E ali estávamos nós, na datcha, a cair o tecto, depois de termos coberto os móveis e o chão com jornais velhos.

Andávamos descalços e os jornais colavam-se aos pés. Ficámos todos salpicados de cal. Limpámos a cal dos cabelos um do outro. E tínhamos a língua e os dentes negros de amoras.

Depois pendurámos as cortinas de tule e acabámos por ficar em lados opostos, e eu queria tanto que tu me beijasses através daquele tule!

Estás a beber chá, escaldando a língua, sopras para arrefecer, tiras pequenos sorvos e fungas tão ruidosamente, sem receio nenhum de que isso pareça mal, como me ensinaram em criança. E eu começo também a fungar. Porque já não sou criança. E tudo é permitido.

Depois havia o lago.

Descemos a encosta íngreme e aproximámo-nos da margem pantanosa, sentindo debaixo dos pés o carreiro molhado, esponjoso.

Caminhámos até à água funda, livre de lentilhas-d'água. A água está turva, ensolarada. E fria, por causa das nascen-tes que se sentem por baixo.

E então, na água, os nossos corpos tocam-se pela primeira vez. Na margem eu tinha medo de te tocar, mas aqui agarrei-me a ti, rodeei as tuas coxas com as pernas, tentava fazer-te mergulhar. Em pequena brincava assim no mar com o papá. Tu tentas soltar-te, queres afastar as minhas mãos, mas eu resisto. Continuava a tentar meter a tua cabeça debaixo de água. As tuas pestanas colaram-se, engoliste água, ris-te às gargalhadas, cospes, berras e fungas.

Depois sentamo-nos ao sol.

Tens o nariz esfolado, a pele solta-se em películas, queimada pelo sol.

Olhamos a torre sineira da outra margem, com a sua imagem reflectida na água.

Estou sentada à tua frente, quase nua, mas, por qualquer razão, sinto vergonha dos pés, dos dedos. Enterrei-os na areia.

Queimei uma formiga com o cigarro e tu defendeste-a.

Voltamos para casa a direito pelo campo. Os gafanhotos saltam no meio da erva alta e seca, agarram-se à minha saia.

Na varanda puseste um cadeirão de verga para mim e começaste a sacudir a areia dos meus pés. Como o papá. Quando voltávamos da praia, ele limpava-me assim os pés, para que não ficasse areia entre os dedos.

E de repente tudo se tornou tão claro. Tão simples. Tão inevitável. Esperado há tanto tempo.

Pus-me em pé à tua frente – com o fato de banho molhado. Deixei cair os braços. Olhei-te nos olhos. Tu agarraste as alças e despiste-me o fato de banho.

Eu estava preparada para isso e esperava há muito, mas tinha medo, e tu tinhas mais medo ainda; já teria acontecido há muito, mas então, ainda na Primavera, lembraste-te, peguei na tua mão e puxei-a para ali, mas tu afastaste-a. Agora estavas completamente diferente.

Sabes de que é que eu tinha medo? Da dor? Não. E não houve dor. E também não houve sangue. Pensei: se de repente tu achavas que não eras o meu primeiro!

Só à noite me lembrei de que não tinha estendido o fato de banho para secar. Estava ali caído, molhado, esquecido, amassado e frio. Cheirava a lodo.

Apertei-me de encontro a ti e beijei o teu nariz esfolado. Não havia mais ninguém em casa, mas mesmo assim falávamos baixinho. E pela primeira vez pude olhar-te nos olhos – sem recear nada e sem me perturbar – castanhos com pintas verdes e cor de avelã na íris.

Tudo mudou de repente – podia tocar em tudo o que ainda há pouco era inacessível, alheio. Ainda há pouco era alheio, e agora era meu, como se o meu corpo tivesse crescido, fundindo-se com o teu. E agora só me sentia a mim mesma através de ti. A minha pele só existia onde tu a tocavas.

Nessa noite tu dormias e eu não conseguia dormir. Tinha muita vontade de chorar, mas receava acordar-te. Levantei-me e fui para a casa de banho. Chorei à vontade.

E de manhã, diante do lavatório, de repente uma onda de louca felicidade – ao ver as nossas duas escovas de dentes no mesmo copinho. Ali estavam, de pés cruzados, e olhavam uma para a outra.

As coisas mais simples podem fazer-me morrer de felicidade. Lembras-te, já na cidade, fechaste-te na retrete. E eu, ao passar para a cozinha, não me contive, baixei-me junto à porta e pus-me a murmurar pelo buraco da fechadura:

– Amo-te!

Murmurei muito baixinho. Depois mais alto. Tu não percebeste o que eu te murmurava e resmungaste em resposta:

– Eu saio já, saio já.

Como se eu precisasse de ir à casa de banho.

É de ti que eu preciso, de ti!

Estás sentado diante do fogão com uma colher numa das mãos e um livro de cozinha aberto na outra. Deu-te para isso. Disseste que ias cozinhar tudo tu próprio e que eu não me intrometesse. Eu estava de propósito na cozinha, como se precisasse de alguma coisa, mas na realidade era para olhar para ti. Lembras-te? Estavas a amassar carne picada e eu não me contive, também meti as mãos na caçarola – que maravilha, amassar contigo aquela carne de vaca, aromática, com o picado a deslizar entre os dedos!

Na verdade, tu não te entendias bem com as conchas, as tenazes e as frigideiras – tudo nas tuas mãos ganhava vida e tentava virar-se, cair, escapulir-se.

Lembro-me de tudo, de tudo.

Estávamos deitados e não podíamos separar-nos um do outro – e depois o semicírculo dos meus dentes no teu ombro.

As nossas pernas entrelaçam-se, os pés colam-se, aninham-se, e os dedos, escorregadios do creme, entrelaçam-se uns nos outros.

No carro eléctrico as pessoas voltam-se para olhar para nós – o teu punho no meu nariz, e eu beijo aquele ossinho que é o mês de Julho.

Subimos para o teu apartamento, e o elevador parece que se arrasta com insuportável lentidão.

Debaixo de uma cadeira estão os teus sapatos, com os peúgos enfiados neles.

Foi então que tu me beijaste ali a primeira vez, e eu não consegui descontraí-me. Crescemos a saber que ali não se pode mexer. Só os rapazinhos acham que as meninas têm um mistério entre as pernas, mas o que há ali é humidade, são miasmas, bactérias.

De manhã eu não conseguia achar as minhas cuecas, tinham desaparecido, procurei-as por todo o lado e não as encontrei. Ainda hoje penso que tu mas tiraste e as escondeste. E saí assim mesmo. Vou pela rua, o vento mete-se por baixo da saia e é uma sensação maravilhosa de que és tu que estás a toda a minha volta.

Sei que existo, mas preciso constantemente de provas, de ser tocada. Sem ti sou um pijama vazio, abandonado em cima de uma cadeira.

Só por tua causa os meus próprios braços, as pernas, o meu corpo se me tornaram queridos – porque tu os beijaste, porque tu os amas.

Olho-me ao espelho e dou comigo a pensar: esta é aquela que ele ama. E gosto de mim. Mas antes nunca gostava de mim.

Fecho os olhos e imagino que estás aqui.

Posso tocar-te, abraçar-te.

Beijo os teus olhos – e os meus lábios conseguem ver.

E sinto tanta vontade de passar a ponta da língua, como daquela vez, por toda a pequena costura que tens ali, em baixo, como se fosses um rapazinho de plástico e te tivessem colado de duas metades.

Li em qualquer parte que as partes mais odorosas do corpo são as que estão mais perto da alma.

Agora apaguei a luz para finalmente me enrolar num novelo e adormecer; enquanto eu te escrevia, as nuvens cobriram o céu. Como se alguém tivesse, com um trapo sujo, apagado

tudo o que estava escrito no quadro da escola e tivessem ficado apenas umas manchas esbranquiçadas.

Sinto que tudo irá correr bem. O destino apenas nos assusta, mas mantém-nos, defende-nos da verdadeira desgraça.

Sachka, minha querida!

Eu faço-me valente, mas, na realidade, sem ti, sem as tuas cartas, já há muito que teria, se não morrido, deixado de ser eu mesmo – não sei o que seria pior.

Escrevi-te acerca do nosso tirano, a quem chamei Cômido, e esta alcunha pegou-se-lhe – como deves ter adivinhado, não tem qualquer relação com o filho de Marco Aurélio. Hoje esforçou-se em especial por me explicar o que é a vida. Não te quero escrever sobre isso. Quero esquecer, pensar em qualquer coisa fora daqui, acerca do próprio Marco Aurélio.

Não compreendo que relação possa haver entre Marco Aurélio, que morreu há um milhão de anos e que todos conhecem, e eu, a quem ninguém conhece e que estou aqui sentado com umas cuecas do Estado que me picam.

Mas, por outro lado, eis o que ele escreveu: nenhum homem será feliz enquanto ele próprio não se considerar feliz.

É provavelmente isto que nos liga – somos dois homens felizes. E que diferença faz que ele tenha morrido em tempos e eu esteja ainda aqui? Em comparação com a nossa felicidade, a morte parece uma ninharia. E ele chegou até mim através da morte, como se ultrapassasse um limiar.

Esta sensação de felicidade vem de compreender que nada à minha volta é real. O que é real é aquela primeira vez em que eu estive no teu apartamento, fui à casa de banho para lavar as mãos, vi ali a tua esponja e senti intensamente que ela tocava no teu seio.

Minha Sáchenka! Nós estivemos juntos, mas só aqui comecei a compreender isso verdadeiramente.